

# A VOZ DO POVO

ORGÃO DE IDÉAS REPUBLICANAS

REDACÇÃO DE DIVERSOS

Propriedade de uma associação

ANNO I

SANTA CATHARINA—DESTERRO—DOMINGO, 31 DE MAIO DE 1885

NUMERO

## EXPEDIENTE

Por enquanto publica-se este jornal aos domingos.

—o—

ASSIGNATURAS:

CAPITAL

Semestre.....4\$000

PELO CORREIO

Semestre.....5\$000

NUMERO AVULSO 100 réis

Despachado adiantado

—o—

Os autographos que nos forem enviados não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados.

—o—

Publicam-se annuncios por preços rasoaveis.

—o—

Qualquer publicação, não sendo contraria às idéas des-

te jornal, serão feitas por preços muito favoreis.

—o—

E' impresso este jornal no Gabinete Typographico à rua do Principe n. 63, onde se darão quaesquer informações.

## A VOZ DO POVO

Desterro, 31 de Maio de 1885.

Já era tempo de vir á luz da publicidade, na capital da provincia de Santa Catharina, um órgão que faça alguma coisa... progresso; que propale, taes como são, as idéas dos principios mais modernos; que discuta com base e fundamento as questões dos negocios publicos e officiaes, tendo sempre como norma de conducta a verdade de suas asserções; que

vele pela causa da instrucção publica, que educa e civilisa e conduz os povos á felicidade; que se occupe com afan dos interesses do commercio, da lavoura e das artes,—fontes de riqueza em nosso paiz; que não se polua, nem se abastardeie, nem se venda aos corruptos e corruptores da politica monarchica, viciada e interesseira, que, dirigida com erro e especulação, degrada os povos e acarreta o atrazo dos paizes mais avançados; que faça o governo, e seus delegados, a cujo cargo estejam os negocios da provincia, cumprirem rectamente os seus deveres, inherentes aos interesses mais palpitantes do povo, tendo diante de si o respeito a Deus, á lei e á sociedade.

Eis o nosso programma que, — depois de conhecido pelos homens sem sensações politicas que especulam com nossos interesses e o progresso da patria, atrasando, corrompendo, o laxarão mentiroso e especulador. Que nos importa?... Si remos a nosso favor a opinião dos homens crioulos...

## Forma de governo

A missão da imprensa republicana e a dos honrados que n'ella ou fora d'ella manifestam suas idéas em opposição ás monarchicas, não certamente como meios em a de destituir para romper e revolucionar, é exclusivamente pugnar pela organização d'um governo que respeite o direito e a

## FOLHETIM

ALFREDO DE SARMENTO

## A' SÉSTA

(CONTOS)

## AS MÃS LINGUAS

I

—Eu não lhe dizia, sra. Perpetua, que tarde ou cedo tudo se havia de descobrir.

—Ai, sr. mestre Ignacio, não é porque eu me importe com as vidas alheias, mas metter assim os dedos pelos olhos á gente...

—Não reparou como ella ia toda soberba, assentada no trem, ao lado do janota?

—Olhe mestre, ha muito que eu dizia com os meus Lotões, que alli havia o que

quer que fosse. Póde nunca a filha de um triste operario andar sempre com tanto luxo e feita senhora? O pae ganha apenas o pão de cada dia, e o que lhe póde render a ella o seu trabalho de agulha, um miseravel vestido de chita?

—Vestido de chita, ora essa! Pois a vizinha não a viu hoje com o cordão de ouro e relógio?

—Vi, pois não vi. A que tempo chegámos, Santo Deus! Olhe lá não o ganhisse ella com as suas costuras. Pela bocca morre o peixe; o pae que fallava tanto em honra, caiu-lhe o raio em casa, e lá vae a filha pelo caminho de muitas outras que elle abocanhava.

—E o que dirá a isso o Jeronymo?

—Quem, o noivo da pequena? Ora o que ha de dizer, despede-se á franceza, que elle não é para graças, e vae procurar rumo por outro norte.

—Pois, segundo creio, o casamento estava para breve.

—Disse-me a Thereza, capellista, por uns certos zuns-zuns que lhe chegaram aos ouvidos, que elles deviam ir á igreja em dia de S. Jeronymo, que é o santo do nome do noivo.

—Ora veja a sra. Perpetua a que um pobre homem anda exposto: gasta o seu dinheiro em pôr casa, sabe Deus com que sacrificios, e acontece-lhe uma d'estas!

—A culpa teve-a elle; raparigas não faltam por ahí, sérias e recatadas, que não se envergonhão da classe a que pertencem. Para que escolheu semelhaute delambida? Eu, Deus me perdoe, amolei sempre o caso; a mim não me enganou ella.

—E d'ahi, soberba como uma fidalga; quasi que fazia favor em dar os bons dias á gente.

—Por isso mais de uma vez lhe fechei a porta na cara; não me fazia conta aquelle conhecimento, porque felizmente cheguei á idade que tenho, sem ninguem ter nada que me dizer.

—Isso sei eu, sra. Perpetua; mas em que acabará aquillo tudo?

—Pouco viverá quem lhe não vir o final. Olhe, mestre, eu tenho que fazer, mas como vocemecê está ahí na loja, avise-me quando elles vierem da funcanata; quero ver com que cara aquella mosquinha morta se apresenta á vizinhança.

—Vá descançada, vizinha, que é pratinho que eu não perco.

Os interlocutores d'este innocente e ralissimo dialogo, eram a sra. Perpetua, mulher de cinquenta annos, e mui lealmente a Deus e não menos ao proximo, que depois de ter figurado espaço de trinta annos em afreguezada na praça da Figueira, juntára um speculio, e estabelecera-se com casa e uhores; e mestre Ignacio, barbeiro e afamado no bairro, pela sua erudição no que dizia respeito á alheias.

Ora, entre a sra. Perpetua e o escanhoador havia mais de um p contacto.

Ella, como verdadeira filha de Fera, possuia em subido gráo esse instinto fatal que levou a acompanhadora de A ser expulsa do paraizo; elle, por uma vez a maldita pecha da curifizera—o passar um quarto de hora e rado.

Pelo que respeita á má lingua, ambos de uma desenvoltura mara.

D'ahi accera excellento camarad respeito reciproco. Havia, porém, tempo, que estas duas almas tão instinctivas e sentimentos, se davam á mingua de pequeninos escandalos, trigas de soalheiro com que dar va lis corrosiva que os contaminava.

omia do povo e que seja escolhido, votado e eleito pela maioria d'este, que é o verdadeiro soberano; d'um governo que encare os negócios do progresso e engrandecimento do paiz, como lh'opõem o brio e a dignidade, semilhança da França e dos Estados Unidos, onde a vista dos homens que estão à frente dos negocios publicos é a de salvar os interesses do povo e conservar illéza a honra nacional; d'um governo como o das duas nações, tão importantes quanto respeitadas, que só empregam ao serviço de suas repartições publicas tantos empregados quantos sejam indispensáveis ao serviço publico, sem que lhes sobeje tempo para as lestras inúteis nos corretores e ante-camaras das respectivas repartições, o que não se observa nem se observa em nosso paiz, onde ao serviço que quatro ou seis empregados poderiam fazer á a cargo de dez, doze e mais, para proteger a filhas do governo e dos chefes políticos com os fundos dos cofres publicos, que deviam ser applicados á amortisação da divida externa e interna do Imperio, ou á causa da libertação ou da agricultura, que tanto reclamam a nossa attenção; d'um governo, na gerencia dos negocios do Paiz, não os tornando na devida consideração, segundo a norma adoptada, o povo que o elegeu te-lhe o poder para substituí-lo, constituindo-o; d'um governo, finalmente, que, por meio de delegados commissionarios, facilite meios de industria e empregar centenas de milhares de creaturas, em lugar á ociosidade e indolencia, espalhadas nos cantos de todas as provincias, e meios mais de empregar seus dias n'um trabalho prodioso, porque não sabem o que e de que modo o hão de fazer.

E' assim que entendemos exigir um fórma de governo aos nossos negocios e aos nossos destinos.

N'este paiz tão rico, tão fértil de terrenos uberrimos, ainda a maior parte por cultivar, que podem fazer milhares de fortunas, é que se precisa d'um governo sisudo, reflectidor, composto de homens honestos, virtuosos, practicos da lavoura, do commercio, das artes, aptos assim a sabermos administrar os altos interesses nacionaes que constituem o engrandecimento da patria.

E, entretanto, é o que não se observa no paiz, no nosso paiz fadado para melhor sorte.

Se o nosso monarcha, para constituir governos, chamasse homens sisudos, independentes, nas condições a que nos referimos, practicos dos mysteres e do serviço concernente a cada pasta ministerial, não teriamos como temos tido á frente dos negocios da Agricultura commercio e obras publicas, marinha, guerra e fazenda, uma chusma de doutorsinhos que poderão achar-se muito habilitados a defender uma causa pendente de chicote, mas nunca a conhecer d'aquelles ramos que são completamente estranhos ao seu saber, porque os não estudaram nem theorica nem practicamente: inhabeis, portanto, a dar-lhes a optima direcção que carecem.

Eis as nossas idéas.

E. F. D. PEDRO I

Tomámos na devida consideração a noticia que nos forneceu o *Despertador* de 9 do corrente, jornal que se publica nesta capital e que a tirou das columnas da *Folia Nova*, que tambem se publica na corte, e a que nos proporcionou o collega *Regeneração* do dia 13, em seu artigo de fundo, relativas á rescisão do contracto da Pedro I.

Por carecerem essas noticias de muita attenção, é que sobre o assumpto que versam vamos escrever

algumas palavras, e oxalá que ellas aproveitem, que não sejam levadas nas azas da brisa, como acontece quasi sempre que se trata na imprensa séria de assumptos de subidada importancia como é este.

Se essas noticias e os boatos que circulam desde novembro do anno p. p. teem o cunho da verdade, o que cremos, é motivo de sobra para que a nossa população se consterneça, se desanime e se atterrisse, como tem acontecido desde aquella epocha.

Parece que a provincia de Santa Catharina está condemnada ao pouco caso do governo! Mas, nós, em nome do povo, não deixaremos esse acto passar desapercibido, se elle com effeito consumir-se, sem protestar energicamente contra o governo que lhe dér execução. A terem fundamento essas noticias, pela sua veracidade, resta-nos o direito de perguntarmos ao governo em que bases se fundou para propor á companhia *D. Pedro I* a rescisão do contracto que autorisa a construção dessa estrada?

Onde está o relatório que o engenheiro chefe da commissão fiscal apresentou ao governo? Já foi elle publicado para conhecimento dos interessados? Sabe alguém sobre que versa o seu assumpto? Já foi submettido ao parecer dos poderes administrativos? O povo precisa saber de tudo isto e mais ainda:

Estará o governo disposto a satisfazer a exigencia que a companhia faz de 10:000:000\$000 como indemnisação pela rescisão do referido contracto? Duvidamos de semelhante absurdo, a menos que o governo não tenha perdido de todo a cabeça; e quando elle, allegando que o paiz atravessa uma crise terrivel, commetta semelhante attentado aos cofres publicos e aos interesses do paiz e muito principalmente aos desta provincia, com mais direito e razão lhe perguntaremos ainda:

Porque não preveram isso quando discutio-se e legislou-se sobre esse assumpto, outr'ora considerado de importancia e necessidade? Será essa rescisão, que se recebe a espera, baseada na opinião de algum engenheiro, que, como o Sr. Firmo José de Mello, se declarasse contra a construção dessa estrada, allegando que ella não offerce vantagens? Mas neste caso essa opinião, aliás infundada, deve con-

star do relatório que a commissão fiscal devia ter apresentado ao governo! Dêsse-lhe publicidade, e, se o seu autor, como é natural, fôr o sr. Firmo de Mello, engenheiro chefe dessa commissão, nós não nos admiraremos, porque ainda s.s. mal tinha chegado aqui para dar começo aos trabalhos de que se havia encarregado, sem que para esse fim tivesse dado o menor passo e obtido o menor conhecimento e noção, já asseverava aos seus amigos que por aqui transitavam que essa estrada não se construiria porque ello não queria, porque Santa Catharina não a merecia nem a precisava e que no seu relatório e mais informações que prestasse ao Governo, a sua opinião seria aconselhal-o a rescindir o contracto.

Em vista, pois, da opinião suspeita e premeditada do Sr. Firmo de Mello, já muito conhecido aqui como inimigo desta provincia, poderá o governo basear-se nella, se é que assim lh'a expoz, para rescindir o contracto com a « Pedro I ».

Não, de certo, porque o engenheiro, chefe d'uma commissão, que antes de proceder aos estudos preliminares d'uma estrada de ferro, sem ter delles o menor conhecimento, se manifesta contra a sua construção, talvez pelo simples facto de lhe não serem dispensadas mil zumbaias, á sua chegada a esta capital, não póde merecer credito algum a sua opinião exharada no relatório apresentado por elle ao governo.

Ainda em todas as hypotheses o governo não tem razão para propôr a rescisão do contracto da « Pedro I » porque, ainda mesmo presumindo-se que a estrada prejudique os cofres publicos durante 10 annos depois de sua construção no dobro da quantia que a companhia exige prseentemente, para rescindir o contracto, ha a vantagem de ficarem as duas principaes provincias do sul ligadas e dotadas com este grande melhoramento, que constituirá o seu engrandecimento e o beneficio para o paiz; ao passo que tendo lugar essa rescisão mediante aquella somma fabulosa ou outra aproximada, perdem as duas provincias a realisação desse grande « desideratum » e os cofres publicos os seus haveres, em perda total para o paiz, em beneficio unicamente da companhia, que dirá que está disposta a satisfazer as vontades e caprichos do governo

som que tudo lhe seja pago e bem pago.

E tem razão.

O mal de todos os paizes, onde a causa do progresso é encerrada como ponto de especulação por parte dos que a tem a seu cargo, é a negociação fraudulenta com as empresas de grande vulto, praticada pelos ministros que se autorizam a desperdiçar os fructos de nossas rendas, depositados nos cofres do thesouro, donde sahem mais tarde, em proveito dos especuladores e delapidadores desses haveres com que a Nação conta para bem do seu futuro engrandecimento!

Para evitar que d'ora avante sejamos contaminados por esse mal, é preciso que cada cidadão comprehenda qual é a sua missão e a sua autonomia, se é que se interessa pelo bem de sua patria, que geme e agonisa e lhe pede auxilio.

### Elemento servil

Os negocios da politica, mas da politica tacanha, tem occupado a attenção dos « Augustos e Dignissimos » representantes da Nação, no Senado e na Camara dos srs. Deputados, a tal ponto que só lhes sobra um pouco de tempo para se occuparem da questão do elemento servil, ainda sem estar resolvida!

Que lastima!

Os grandes e palpitantes interesses do paiz que fiquem preteridos, esquecidos mesmo, para somente serem applicados o zelo e actividade dos seus representantes em bixas e mesquinhas questões da especuladora politica que cava a ruina da Nação!

E' uma indignidade!

Nunca d'antes e depois da guerra do Brazil com o Paraguay passamos por uma crise igual a que atravessamos! O cambio oscilla, tendendo a baixar; o credito do paiz sente-se abalado; os bancos limitam as suas transacções; a lavoura definha; o commercio, paralyzado d'uma maneira assustadora, resume as suas transacções, ameaçado de prejuizos avultados, o que diminuo consideravelmente os rendimentos do Imperio e desanima a classe que nelle se occupa e nelle emprega os seus e alheios capitaes, e, finalmente, os operarios e artistas de cujos salarios se sustentam milhares de familias, empregados na industria nacional, abatem-se ao

peso do infortunio que os acommette, sem trabalho, sem meios para viverem e sem esperança de melhorarem de sorte!

E' uma calamidade!

A má direcção do governo na questão do elemento servil collocou o paiz, sinão ameaçado d'uma bancarrota, ao menos n'uma situação assustadora. Consequencia de pretenções absurdas e de projectos de leis mal elaborados.

O governo não póde querer a libertação sem indemnisação, porque isso é um attentado aos direitos de propriedade.

Não somos escravocrata; ao contrario reconhecemos que a escravidão é um cancro social, uma noção que mancha uma das paginas da nossa historia e uma propriedade que nos repugna tanto como deve repugnar a todos que a possuirem.

Mas não é legal essa propriedade? não tem o senhor do escravo empregado n'elle o seu capital tão legalmente como se o tivesse empregado n'um predio? não paga os impostos com que sobre elle é tributado? Logo, se a lei dá direito de propriedade sobre ella manda o governo cobrar impostos, reconheca a legalidade, e uma inconstitucionalidade, um attentado querer destituir d'ella o seu proprietario sem indemnisação d'uma quantia aproximada ao seu valor, que, na epocha presente como na futura, não póde ser de grande monta.

Entenlemos que para conseguir a libertação dos escravos no Brazil ha um meio muito facil; e se o governo lançar mão d'elle serão benéficos, uteis e aproveitaveis os seus resultados.

Eil-o:

Apresente-se á Camara um projecto de lei, bem elaborado, determinando que no fim de quatro annos serão livres todos os escravos que existirem no Imperio; creando um *Fundo de Libertação*, para o qual revertirá o resultado d'um imposto de 1/2% com que deverão ser tributados os possuidores das apolices, a Divida Publica e trinta mil réis que deverão pagar annualmente os possuidores de escravos, por cada um, sem outro onus, durante quatro annos; e findos estes, com o producto deste e daquelle imposto, que será sufficiente, o governo indemnizará os possuidores

dos escravos com quantias que sejam reactivas ás suas idades e valores, que deverão ser calculados em relação ás suas idades e conforme o estado da saude que gozarem.

Os proprietarios de escravos não terão razão de chamar contra os legisladores que os tributarem com esse imposto, porque não é elle exagerado e vai reverter no fucturo em seu proveito proprio; e menos razão terão os possuidores de apolices, que ficam pagando um tributo suave, com que já de ha muito deviam concorrer, visto que a apolice é uma propriedade em que o capitalista emprega os seus capitaes como na compra ou construcção de um predio de que paga impostos.

E depois, se os bancos não pagam premios de 6% pelas quantias que nelles se depositem, porque os ha le o governo pagar?

Portanto é justa a contribuição.

### NOTICIARIO

Por noticias que colhemos dos jornaes da corte sabemos que o governo rescindio o contracto da garantia de juros de 6% com a companhia da E. F. da Victoria à Natividade mediante a indemnisação de L.70:000 ou mil contos de reis aproximadamente.

E' uma *bagatella* que sae dos cofres publicos! E' uma gota d'agua que cae no oceano Inglez!

Lamentamos a direcção dos negocios do Brazil e invejamos a fortuna, a direcção e a actividade dos inglezes.

Mire-se o povo nestes espelhos e, depois que conhecer d'onde procede o mal, cumpra o seu dever!...

Pessoas de reconhecido criterio e influencia, distinctos catharinenses, manifestam francamente desejo de unir esta provincia á do Rio Grande do Sul, no intuito de melhorar os destinos desta terra para onde o governo não presta a importancia e attenção precisas.

De accordo com a opinião

dos que assim pensam, zemos votos para que se lizem esses intentos.

Venha a felicidade e a cisão completa do povo progresso da provincia meios, finalmente, de grandecimento, e não fmos questão de sermos tharinenses ou Rio-Grandes, desde que somos sen, brasileiros.

Já é tempo de irmos por as manginhas de fora

O ajardinamento da pr do Barão da Laguna, que estava parecendo esquec vai ter o seu principio bremente, segundo nos a mam alguns membros vereação da illustre idade.

Bem vindo seja esse m lhoramento.

Será para nós um pra immenso, quando, dep d'elle concluido, os visjar que, de passagem ou he dagem, nos visitarem, junto ao desembarque enc trem, como nos alegres e creativos *boulevards* Pariz, um jardim pittoresco amenizador onde, n'uma te poetica de verão, ao n cer da lua, ou n'uma mar esplendida de primavera, romper do sol, possam go as delicias do amor e do p zer que não esperaram contrar entre nós!

Para que essa obra, ou outra, para que esse sor do povo se realise, é prec que cada um dos nossos bitantes concorra com o *quantum*, afim de auxili a nossa Camara Municipa levar a effeito esse gran melhoramento que inici contando encontrar apo auxilio e protecção em ca um dos seus municipes.

A' iniciativa, actividade zelo dos illustres e caprie sos presidente e vereador da Camara Municipal dev mos muitos melhorament que nos estão vindo muita utilida mou conta d'elle e forma que se o officio de terra,

mercado, e os beneficios  
ruas da Tronqueira e  
rsas no Matto Grosso,  
onde se transita com  
quer tempo e a qualquer  
tranquillo e facilmente,  
e não se fazia n'outro  
po.

proveitemos, pois, o zelo,  
ão e boa vontade da  
a edilidade e proporcio-  
as-lhe os meios q' carece  
levar a effeito muitos  
os melhoramentos que  
ende iniciar, dos quaes  
o precisamos, como se-  
calçamento da rua For-  
a que conduz à Praia de  
a, por onde nem de car-  
e póde transitar, sob pe-  
e desloular-se o corpo  
os solávancos dos car-  
nas pedras infaceadas  
o está tão mal calçada es-  
ja.

embramos a s. ex. o sr.  
idente da provincia a  
ssidade que ha de se no-  
um empregado que,  
ante um vencimento ra-  
el, tome conta dos uten-  
s do theatro de Santa  
el, pelos quaes, por meio  
inventario, se respon-  
lise com fiança idonea;  
zele pela limpeza e aceio  
edificio e conservação  
objectos que delle fazem  
e que as horas marca-  
pelas companhias ou so-  
tades particulares, para  
s ensaios ou espectacu-  
abra as portas do edifi-  
e o illumine conveniente-  
ite para o fim necessa-  
Isto é de urgente neces-  
de. Da maneira que está  
lo dirigido o theatro não  
ará que delle desappare-  
um ou outro objecto,  
por parte de qualquer  
socios das duas—socie-  
es que actualmente nel-  
nsaiam, porque os con-  
ramos incapazes disso,  
nta a circumstancia de  
em honestos e probos,  
to todos os reconhece-  
um desses in-  
os de indus-

tria que em toda a parte onde  
penetram tem em vista tira-  
rem o alheio em proveito  
proprio. O mal evita-se quan-  
do se prevê e emquanto é  
tempo.

A corveta «Trajano», se-  
gundo telegramma do gover-  
no, deverá ficar entre nós  
durante algum tempo.

Será isso effeito das recla-  
mações que o nosso collega  
do *Commercio* tem feito em  
bem da causa das necessida-  
des da Capitania do porto da  
nossa provincia? ou será um  
meio de reter aqui esse na-  
vio da nossa armada para  
nos contentar provisoria-  
mente? O governo lá sabe...  
lá se entende.

Seja como fôr, o que que-  
remos é, vão sendo attendi-  
das as reclamações da im-  
prensa que advoga os inte-  
resses do povo.

Ao Sr. J. A. Coutinho, nos-  
so redactor principal, coube  
por sorteio a que se procedeu  
o preenchimento do *lugar*  
de Imperador do Divino Es-  
pirito Santo, o que acceitou  
com satisfação.

Que incoherencia!..  
O nosso chefe, que é repu-  
blicano as areias, s'ra ac-  
clamado Imperador!..

Felicitamol-o e felicitamos-  
nos por isso.

Sobre os boatos que por  
ahi correm de estarem as  
febres paludosas grassan-  
do consideravelmente nos  
diferentes municipios do  
norte da nossa capital, ha  
um *que* de exagero, segun-  
do tivemos occasião de veri-  
ficar por pessoas que por lá  
residem, de n'essa inteira  
confiança, que nos asseve-  
ram não passar d'um ou ou-  
tro *caso* esse mesmo muito  
raro, como quasi sempre a-  
contece durante todos os pe-  
riodos das quatro estações  
annuaes. Comtudo, entende-  
mos que o sr. dr. Paranaguá,  
digno presi'ente desta pro-

vincia, e o dr. J. R. Raposo,  
apto e cuidadoso medico da  
saude publica, merecem os  
maiores encomios pelos es-  
forços que tem envidado a  
bem de socorrer os poucos  
indigentes que desse mal tem  
sido acommettidos.

Andem assim.

A nossa illuminação cada  
vez mais pessima. Não sabe-  
mos nem queremos saber  
quem é o seu empregario;  
mas quem quer que elle seja,  
ha de permittir-nos que em  
bem da segurança e garantia  
publica, lhe digamos com a  
franqueza que nos caracteri-  
sa que precisa mais capri-  
cho no cumprimento dos  
seus deveres.

Se a nossa capital não está  
completamente ás escuras,  
pouco falta, e nós precisamos  
de luz.

Chamamos a attenção dos  
leitores e das autoridades  
competentes para a declara-  
ção do nosso redactor em  
chefe, inserta no lugar com-  
petente.

**Diz-se por ahi**

que, segundo a opinião do  
journal *O Paiz*, os negocios  
da *Nação* vão para agua abaixo...

que, segundo tambem a  
opinião do Sr. José Bonifacio  
manifestada no Senado, em  
um eloquente discurso, o ac-  
tual gabinete é constituído  
por homens defeituosos, sem  
defeitos, mas com mazellas..

que, a *Regeneração*, or-  
gão do Partido liberal nesta  
capital, pensa como aquelle  
distincto Senador, fazendo  
excepção ao Sr. Camargo,  
unico *nec plus ultra* da ac-  
tual *troupe* governamental,  
para metter ferro no Sr. Pa-  
ranaguá da provincia e evitar  
algum ataque ás caixas d'o-  
culos dos prestimosos redac-  
tores...

que o Mingote, incomo-  
dado por não mudar a situa-  
ção está resolvido a passar-  
se para as fileiras republica-  
nas...

que o Moreira, furioso por  
perder um co-religionario  
assim do pé para a mão, in-  
duzio a militar no exercito  
do partido liberal, em *lugar*  
fileiras já mostrou o seu do-  
nodo..

que o mesmo, quando se  
lhe fala em republica, jura  
defender a monarchia, consi-

tando com os soldados do  
seu batalhão...

Que o sr. Elyseu, se o mi-  
nisterio Saraiva entregar a  
pasta aos conservadores,  
passará com malas, baga-  
gens e soldados do seu bata-  
lhão para o exercito Republi-  
cano...

Que o mesmo, se o exm da  
provincia continuar na ad-  
ministração da supra dita  
mencionada, vai requerer á  
illustre idellidade consessão  
para levantar-lhe um monu-  
mento... gotico!

que o dr. Raposo, empenha-se  
com a mesma illustre idellidade  
para indeferir a petição do sr.  
Elyseu...

que o Felix da provincial concor-  
da (ou com barbante) com a opini-  
ão do Raposo...

que os unicos que não concor-  
dam são o André Wendhausen e o  
Germano Goeldner...

que os mesmos são muito gra-  
tos a s. ex. da provincia...

que o sr. Elyeu vai reunir os  
seus Augustos soldados na salinha  
para criarem uma lei que tire aos  
presidentes da provincia direito de  
ordenarem á provincia o pagamen-  
to em via aos professores publicos...

que o sr. André, se isso effectua-  
r-se, deserta das fileiras liberaes  
e assenta praça nas do batalhão  
que o sr. Paranaguá lhe indicar...

que o sr. Goeldner, desejando  
imitar o seu collega, pretende na-  
turalisar-se e collocar-se na van-  
guarda do partido classista, á som-  
bra da bandeira hasteada pelo Sr.  
Bayma...

que o Sr. C. Pires, quando sou-  
be da resolução do Sr. Goeldner,  
exclamara: Bravo! E, assim é que  
verei engrossar as fileiras do exer-  
cito classista...

que no meio deste embroglio só  
não enxergam os que não querem  
ver, que são os peiores cegos e não  
ouvem os que não querem ouvir,  
que são os peiores surdos, e...e...  
ponto final.

*Nemo.*

**Declarações**

José de Araujo Coutinho  
declara que, como redactor  
d'esta folha, é responsavel  
pela publicação dos artigos  
mediatorias que n'ella sahi-  
rem publicados, menos pela  
dos insertos nas publica-  
ções *pedido*, que por el-  
le se responsabilisarão os  
seus autores, na fórma da